

POEMAS DE FABIOLA MAZZINI



Janis Joplin

Um anônimo a inscreveu no concurso de homem mais feio

Um anônimo que nunca desceu as escadas do palco chorando

Nem cantou com o corpo todo

Um anônimo que não tinha a língua afiada

Nem era bom de foda

Conseguiu ser o primeiro

A matá-la, como um maluco terrorista,

Desses comuns pelos lados do Texas



No dia em que Alberta Hunter morreu

Minha amiga bebeu tanto que só conseguia andar de marcha-ré

Foi muito estranho

Sempre há dias em que mais gente morre

Com 36, 44, 66, 89

Bilie Holiday morreu com 44. Eu nem tinha nascido.

Estranho, aos 14 eu a amei como a mulher

Que recolhia a vida e falava pra mim: dói muito mesmo, garota.

Eu a amei como amava Janis Joplin aos 10

Quando o disco que eu ouvia escondido morria no meu lugar.



Abaixo da linha do Equador, os bichos
são obrigados a trabalhar o pino solar.
Não sentem as pernas gasosas e vãs.
Em cada cabeça, um martelo retumba
os sonhos. Têm a cegueira volátil, um
engodo de lucro, o anseio dos dólares.
Há risos, feito propagandas de bancos.
Vivem em volta de umbigos dos outros
-moscas mortas. Sua resiliência tomba
a cerca elétrica do céu. Há mortes: do
amor, do gozo, do riso. Oram: escutai!
a prece da dor original. Dai em dobro a
taxa de custódia, protegei-nos do crack.
Morrem de medo de suas bolsas serem
roubadas na esquina por outros bichos,
irreconhecíveis, pois seus semelhantes

Quando se mora no alto do morro
o cheiro de gordura vira cheiro de mar
visto lá longe
Minha mãe fazia chouriço todo sábado
Eu cheirava conchas
Quando eles ficavam bêbados
eu botava música
eu ficava lúdica
Começava a confusão por causa da política
Depois das brigas, até o padre, arrependido
por tantas paixões,
tudo serenava
Cada um ia pra sua casa
O morro era meio leve
mas nem devia
com tanto verme em nossas tripas
com tanta marca de porrada
com tanto abismo aberto nas paredes
mofadas de delírio com o mar

Um truque é o olhar de viés
A fala pausada sobre amor
Um truque é esquecer por dois minutos
O garoto morto pela polícia
Um truque é uma perna mecânica
E a melodia dos pardais no fio teso
Um truque é procurar na página do meio
Daquele romance velho a mensagem do dia
Um truque é não morrer no esconde-esconde
Mesmo sem respirar e com medo do escuro



Fabíola Mazzini nasceu em Vitória-ES. É servidora pública. Tem poemas publicados na internet, em revistas, jornais e coletâneas. Seu livro “Rotina dos Ossos” (Ed. Causa, 2019) foi premiado em concurso da Secult-ES em 2018.



MIRADA